

**JOVENS E ADULTOS DA EJA/EPT E O MUNDO DO TRABALHO: EM BUSCA DE UM LUGAR AO SOL**

**EJA/EPT YOUNG PEOPLE AND ADULTS AND THE WORLD OF WORK: IN SEARCH OF A PLACE IN THE SUN**

**LOS JÓVENES Y ADULTOS EJA/EPT Y EL MUNDO LABORAL: EN BUSCA DE UN LUGAR BAJO EL SOL**

Dr. Mauricio Ramos Lutz<sup>1</sup>; Dr. Ana Cláudia de Oliveira da Silva<sup>2</sup>; Arioane Primon Soares<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal Farroupilha; Campus Alegrete - mauricio.lutz@iffarroupilha.edu.br

<sup>2</sup>Instituto Federal Farroupilha; Campus Alegrete - anaclaudia@iffarroupilha.edu.br

<sup>3</sup>Instituto Federal Farroupilha; Campus Alegrete - arioane.soares@iffarroupilha.edu.br

**Resumo:** O artigo discute a relação entre juventude, qualificação profissional e inserção no trabalho, com foco nos desafios enfrentados por jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA/EPT). Esses sujeitos, de diferentes gerações e trajetórias, buscam superar etapas inconclusas, como a conclusão do Ensino Médio e a independência financeira, motivados por mobilidade social e melhoria de vida. A análise baseia-se no conceito plural de "juventudes", que reconhece vivências culturais, sociais e econômicas diversas, destacando interrupções nas trajetórias educacionais e profissionais. Dados do IBGE mostram altas taxas de desemprego, especialmente entre jovens e grupos étnico-raciais vulneráveis, reforçando exclusão estrutural. Embora a qualificação amplie possibilidades, não garante ocupação, devido à desvalorização de diplomas e estruturas discriminatórias. Contradições do trabalho contemporâneo, como desemprego estrutural e demandas de competências, frequentemente recaem sobre a escola. Nesse cenário, a EJA/EPT representa oportunidade, mas pode gerar frustração ao não atender expectativas dos estudantes. Assim, são necessárias políticas educacionais e econômicas integradas que transcendam a lógica mercadológica, promovendo educação crítica e cidadã, fortalecendo a luta por equidade e inclusão.

**Palavras-chave:** Juventudes. EJA/EPT. Desigualdades estruturais. Mobilidade social. Inclusão socioeconômica.

**Abstract:** The article discusses the relationship between youth, professional qualifications and job placement, focusing on the challenges faced by young people and adults in Youth and Adult Education integrated with Professional and Technological Education (EJA/EPT). These individuals, from different generations and backgrounds, are trying to overcome unfinished stages, such as completing secondary school and gaining financial independence, motivated by social mobility and improving their lives. The analysis is based on the plural concept of "youth", which recognizes diverse cultural, social and economic experiences, highlighting interruptions in educational and professional trajectories. IBGE data shows high unemployment rates, especially among young people and vulnerable ethnic-racial groups, reinforcing structural exclusion. Although qualifications broaden possibilities, they do not guarantee employment, due to the devaluation of diplomas and discriminatory structures. Contradictions of contemporary work, such as structural unemployment and demands for skills, often fall on the school. In this scenario, the EJA/EPT represents opportunity, but can generate frustration by failing to meet students' expectations. Thus, integrated educational and economic policies are needed that transcend the market logic, promoting critical and citizen education, strengthening the struggle for equity and inclusion.

**Key words:** Youth. EJA/EPT. Structural inequalities. Social mobility. Socio-economic inclusion.

**Resumen:** El artículo analiza la relación entre juventud, cualificación profesional y entrada en el mercado laboral, centrándose en los retos a los que se enfrentan los jóvenes y adultos en la Educación de Jóvenes y Adultos integrada en la Educación Profesional y Tecnológica (EJA/EPT). Estas personas, de diferentes generaciones y orígenes, intentan superar etapas inacabadas, como la finalización de la enseñanza secundaria y la independencia económica, motivadas por la movilidad social y la mejora de sus vidas. El análisis se basa en el concepto plural de «juventud», que reconoce diversas experiencias culturales, sociales y económicas, destacando las interrupciones en las trayectorias educativas y profesionales. Los datos del IBGE muestran altas tasas de desempleo, especialmente entre los jóvenes y los grupos étnico-raciales vulnerables, lo que refuerza la exclusión estructural. Aunque las cualificaciones amplíen las posibilidades, no garantizan el empleo, debido a la devaluación de los diplomas y a las estructuras discriminatorias. Las contradicciones del trabajo contemporáneo, como el desempleo estructural y la demanda de cualificaciones, recaen a menudo sobre las escuelas. En este escenario, la EJA/EPT representa una oportunidad, pero puede generar frustración al no responder a las expectativas de los alumnos. Por lo tanto, se necesitan políticas educativas y económicas integradas que trasciendan la lógica del mercado, promoviendo una educación crítica y ciudadana y fortaleciendo la lucha por la equidad y la inclusión.

**Palabras llave:** Juventud. EJA/EPT. Desigualdades estructurales. Movilidad social. Inclusión socioeconómica.

## 1. INTRODUÇÃO

A complexidade inerente ao trinômio “juventude, trabalho e escola” tem sido um campo fértil de estudos e discussões. Contudo, não se pode esquecer dos adultos (que já foram jovens), os quais têm retornado à escola, especialmente, em cursos na modalidade Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA/EPT). Possivelmente, muitos desses adultos trazem consigo a necessidade de superar etapas de transição, próprias da juventude, como a conclusão da escolaridade de nível médio e a independência financeira.

As razões pelas quais, hoje, jovens e adultos retornam à escola, podem estar relacionadas ao mundo do trabalho e figurar entre o desemprego, a busca por melhores oportunidades de ocupação, o crescimento na carreira, a possibilidade de trabalhar como autônomo ou abrir a própria empresa e, em alguns casos, até como uma forma de sustento, já que, certos cursos da modalidade EJA/EPT oferecem bolsas de estudo.

Apesar dos cursos da modalidade EJA/EPT representarem uma oportunidade de qualificação profissional e não apenas de escolarização, os altos índices de abandono denunciam uma realidade de possíveis falhas da escola e das condições estruturais do mundo do trabalho, em atender e incluir, em relação às expectativas de futuro, esses jovens e adultos. As características desse público evocam o conceito de “juventudes”, dado que se tratam de estudantes de diferentes gerações<sup>1</sup>, com uma pluralidade de experiências e culturas, que passam a conviver no espaço da sala de aula.

Nesse contexto, a luz das teorias sobre juventude, trabalho e escola, e, especialmente, de estudos como o de Sales e Vasconcelos (2016) e Silva, Pelissari e

---

<sup>1</sup> Épocas distintas, em que os indivíduos são socializados. O conceito de unidade geracional ou grupo geracional possibilita identificar alguns referentes imediatos aos jovens de um determinado momento histórico. Nesse sentido, comumente realizam-se comparações entre distintas gerações de jovens, como, por exemplo, a geração X em relação à geração Y. (Alpízar; Bernal, 2003).

Steimbach (2013), que procuram considerar possíveis falhas em projetos de vida e percursos escolares, que apostam na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como um caminho para inserção no mundo do trabalho e, por conseguinte, de independência financeira e mobilidade social, objetiva-se, neste artigo, refletir sobre as causas das falhas ou adiamentos nas trajetórias dos jovens e adultos que, no geral, buscam seu “lugar ao sol”. Entenda-se “lugar ao sol” por satisfação das necessidades de qualificação e empregabilidade para geração de renda, destinada ao sustento de si e da família.

## **2. JUVENTUDES, ESCOLA E TRABALHO**

A inserção de jovens e adultos no mundo do trabalho representa um desafio para as políticas educacional e econômica, principalmente, no que se refere a uma educação de qualidade e à geração de empregos, respectivamente. Nesse sentido, a seguir, apresenta-se uma reflexão sobre as “juventudes”, representadas pelos jovens e adultos, e as condições atuais de inserção no mundo do trabalho.

### **2.1 As “juventudes” no âmbito da EJA/EPT**

A juventude pode ser compreendida de múltiplas perspectivas, tanto ligada às dimensões de desenvolvimento biológico e psicológico - jovem seria aquele que se encontra em um determinado recorte etário e atravessa uma série de mudanças hormonais e comportamentais -, quanto aos paradigmas sociológico e cultural - jovem seria aquele que pertence a uma determinada fase da vida, mas que compartilha e expressa as questões do seu tempo de formas muito diversas (culturas juvenis), e, ao mesmo tempo, constrói e experimenta uma série de possibilidades identitárias (identidades juvenis). (Alpízar; Bernal, 2007). Atualmente, consideram-se mais condizentes as definições de juventude que levam em conta os modelos sociológico e cultural.

No modelo sociocultural, a juventude é entendida como uma construção histórica e cultural que não se restringe a uma condição de transitoriedade, de “vir a ser” no futuro, ou como uma etapa de crise ou transição para a vida adulta, mas é marcadamente definida pelo seu modo de viver baseado nas experiências proporcionadas pelos contextos cultural, econômico e político em que se encontra inserida. Nesse sentido, explicitam-se “juventudes”, devido às múltiplas maneiras de ser jovem estarem articuladas ao meio social e, em consequência, pelo intercâmbio com os outros sujeitos sociais. (Dayrell, 2003).

Entretanto, se na perspectiva psicobiológica a tendência é perceber a juventude como um processo natural e homogêneo, na perspectiva sociocultural pode-se recair na invisibilização desses sujeitos imersos em uma diversidade de modos de ser jovem. Com base nisso, autores como Juarez Dayrell (2007) propõem compreender o jovem a partir da ideia de condição juvenil, considerando tanto a dimensão simbólica (diferentes representações sociais acerca da categoria juventude) quanto pragmática (aspectos materiais, históricos e políticos que interferem nos distintos modos de ser jovem).

Do latim, *conditio*, refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais - classe, gênero, etnia etc. (Dayrell, 2007, p. 1108).

Assim, a juventude não pode ser definida numa categoria homogênea, a partir da qual se pode planejar explicações ou soluções generalizantes. A influência de fatores geracionais, de classe social, de condições de gênero, de questões étnico-raciais, de local de moradia/regionalidade, de instituições que frequentam (escola, exército, clube esportivo etc.), vinculação religiosa, entre outros, faz a juventude se aproximar mais de uma construção histórica, material (econômica), social e cultural. (Margulis e Urresti, 2008).

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a diversidade se torna ainda mais evidente e, portanto, manifestam-se as “juventudes”, visto que se descortina um universo de gerações, provenientes de tempos e espaços, experiências (do trabalho, familiares e/ou comunitárias), culturas, gêneros, etnias/raças e modos de ser jovem distintos. Muitos desses jovens e adultos, no que diz respeito ao sentido de transitoriedade atribuído a juventude – como projeto de “vir a ser”, de ações direcionadas ao futuro, de formação de identidade e independência – interromperam ou falharam em concluir, na idade própria, de forma linear, a etapa de transição para a vida adulta, no que tange à parte organicamente associada a escolarização de nível médio, inserção no mundo do trabalho e/ou prosseguimento dos estudos.

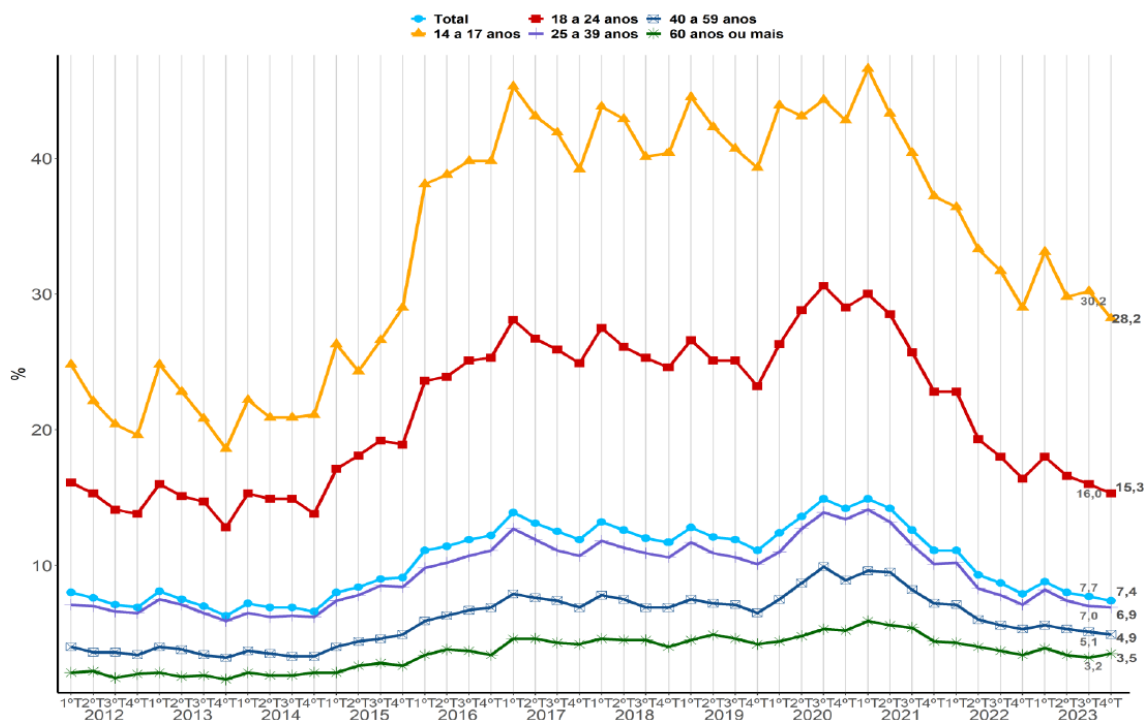
Essas dificuldades de inserção no mundo do trabalho e/ou prosseguimento dos estudos (acesso ao Ensino Superior) podem ser ilustradas pelas narrativas dos jovens do estudo de Sales e Vasconcelos (2016), os quais, embora sendo egressos da EPT, estavam inseridos num contexto social adverso, na periferia de uma metrópole, em condições de vulnerabilidade socioeconômica, sem direito a moratória social, ou seja, a um tempo-espaço doado pela sociedade ao jovem para a experimentação, para o ensaio e o erro. (Dayrell, 2003). Assim, esses jovens demonstram sentir o peso das responsabilidades por um sonho de futuro melhor para si e suas famílias, na perspectiva de “vir a ser” comumente atribuída à juventude. A escola de EPT, frequentada por eles, teve o papel de suscitar o desejo e ideal de encontrarem um lugar ao sol, porém não imaginavam as dificuldades que enfrentariam no mundo do trabalho, mesmo em posse de um diploma de Ensino Médio associado a uma qualificação profissional.

## **2.2 Qualificação profissional e contradições das condições de empregabilidade**

Sabe-se que a inserção no mundo do trabalho tem um impacto muito significativo na vida dos sujeitos, tanto no que se refere à autossuficiência financeira, ao desenvolvimento pessoal e profissional, quanto no que diz respeito à construção de identidade, sentido de propósito, bem-estar psicológico e social.

Para a maioria dos indivíduos, o trabalho associado ao recebimento de um salário é a sua principal fonte de renda, permitindo a independência financeira, que se configura na capacidade de sustento de si e de sua família. No caso dos jovens, um trabalho pode significar a emancipação do domínio familiar, bem como a chance de suprir necessidades, que a família, muitas vezes, não consegue prover ou que não são consideradas importantes. Quando ocorre a frustração da etapa de inserção no mundo de trabalho, muitos jovens permanecem numa situação de dependência de suas famílias. Conforme Peralva (1997, p. 22), “O desemprego do jovem e a carência de autonomia financeira obrigam muitos a permanecerem durante muito tempo sob o mesmo teto que os pais.”

Entretanto, o panorama brasileiro do mundo do trabalho não se mostra favorável para a redução dessa realidade de desemprego entre os jovens. Na Figura 1, identifica-se que as taxas de desemprego entre os jovens, não obstante terem acompanhado a tendência geral de queda no desemprego a partir de 2021, continuam altas e superiores às da população adulta. Segundo o IBGE (Brasil, 2024, p. 18), “as taxas de desocupação mais elevadas se referem à população dos grupos etários de 14 a 17 anos (28,2%) e de 18 a 24 anos (15,3%). Os grupos de 25 a 39 anos (6,9%), 40 a 59 anos (4,9%) e o de 60 anos ou mais (3,5%) ficam abaixo da taxa nacional (7,4%).”



**Figura 1** – Taxa (%) de desemprego<sup>2</sup> no Brasil, das pessoas a partir de 14 anos de idade, por faixa etária  
Fonte: IBGE (Brasil, 2024, p. 18).

<sup>2</sup> Na metodologia adotada pelo IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, a Taxa de desemprego é chamada de Taxa de Desocupação. Nessa taxa, incluem-se as pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos) que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho. Assim, donas de casa (que não trabalham fora), estudantes universitários (que se dedicam apenas aos estudos), e empreendedores (que tem seu próprio negócio), não são considerados desempregados. Os estudantes e as donas de casa são classificados como “fora da força de trabalho” e os empreendedores, como “ocupados”.

No Brasil, de meados para o final do século XX, o desemprego esteve bastante associado à falta de qualificação dos trabalhadores. Inclusive, importava-se mão-de-obra qualificada. Contudo, no contexto econômico atual, atingir determinado nível de escolaridade ou qualificação profissional não significa que se alcançou uma condição de empregabilidade, pois as estruturas econômicas se tornaram mais discriminatórias, meritocráticas e cooperam para que muitas pessoas fiquem à margem do sistema. Sales e Vasconcelos (2016, p. 72) confirmam essa tendência de exclusão, ao afirmarem:

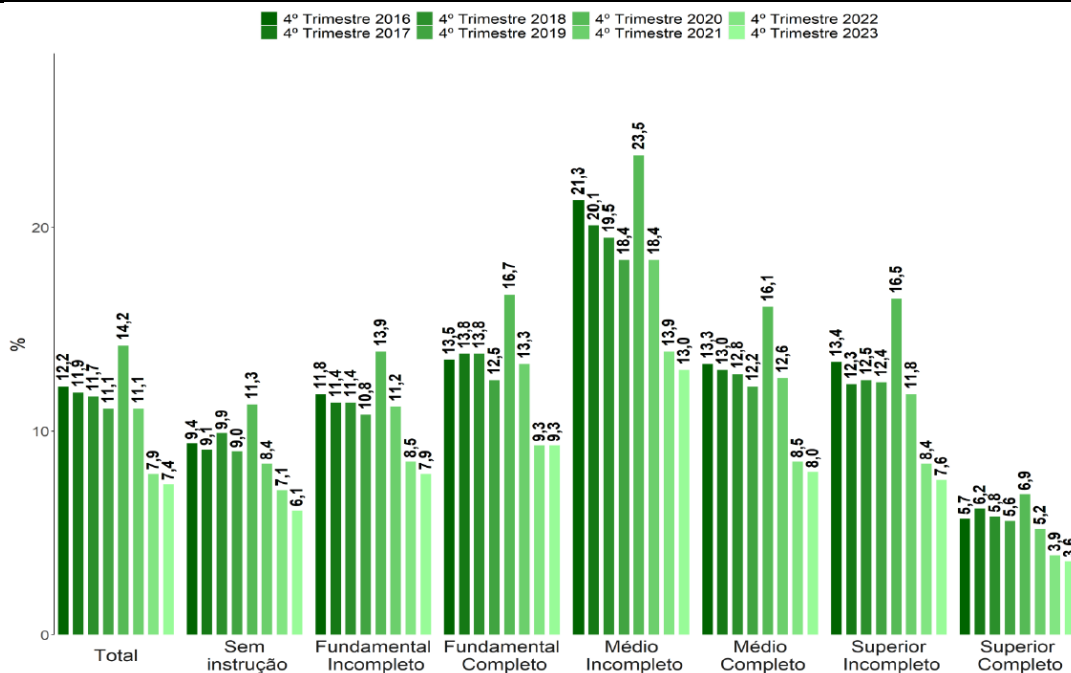
O acesso a diferentes graus de escolaridade amplia as condições de empregabilidade. Porém, somente isso não garante emprego, pelo simples fato de que, na forma atual de desenvolvimento capitalista, não há empregos para todos. A ordem econômica atual assenta-se na exclusão. Portanto, boa parte daqueles/as que conseguem uma determinada formação ou atingem a idade para ingressar no mercado de trabalho fica excluída.

Dessa forma, evidenciam-se as contradições do mundo do trabalho. Com a expansão do ensino, parece ocorrer uma propensão a se desvalorizar os diplomas, dado que há um maior número de pessoas diplomadas e, em contrapartida, essas pessoas não conseguem ocupação. (Sales e Vasconcelos, 2016).

Aliás, a própria titulação de um sujeito pode impedi-lo de ocupar determinada vaga de emprego, devido às empresas não estarem dispostas a retribuir em termos salariais pela qualificação profissional, escolhendo indivíduos menos qualificados, para reduzir custos. Isso denuncia a falta de correlação linear positiva entre grau de escolaridade e inserção no mundo do trabalho. Na pesquisa empreendida por Silva, Pelissari e Steimbach (2013, p. 408), explicita-se esse descolamento da qualificação em relação à empregabilidade:

Entretanto, mesmo com a ênfase na importância da busca por educação formal, percebemos não só a não ocorrência de uma relação linear entre educação e empregabilidade, como também, em alguns casos, a inversão desse processo: taxas mais altas de desocupação ou desemprego correspondem a grupos juvenis mais escolarizados.

A Figura 2, que apresenta a taxa de desemprego por grau de instrução, no período de 2016 a 2023, corrobora com a falta de linearidade entre escolaridade e taxa de ocupação. O desemprego é, preponderantemente, maior entre sujeitos com Ensino Médio incompleto, ligados, frequentemente, à faixa etária dos 15 aos 18 anos.



**Figura 2** – Taxa (%) de Desemprego por Nível de Instrução – Brasil  
Fonte: IBGE (Brasil, 2024, p. 21).

Além disso, as taxas de desemprego entre indivíduos com o Ensino Fundamental completo, Ensino Médio completo e o Ensino Superior incompleto são muito próximas. O percentual de desemprego somente se reduz entre os sujeitos com Ensino Superior completo. Porém, para se chegar a esse último grau de instrução, precisa-se ter direito a uma moratória social, a qual é reduzida ou inexistente para a juventude das classes sociais de baixa renda. Não bastasse a relação entre pobreza e baixa escolaridade, dificultando a mobilidade social dos menos favorecidos, as questões étnicas-raciais também influenciam no mundo do trabalho.

No geral, a população de pretos e pardos brasileiros ainda sofre as consequências históricas do regime escravista. Assim, são maioria entre os indivíduos com baixa renda e excluídos do mundo do trabalho. Apesar dos avanços com a instituição do sistema de cotas, as desigualdades sociais continuam repercutindo entre a população de brasileiros pretos e pardos. A Figura 3 retrata essa situação, já que as maiores taxas de desemprego se concentram entre essa população.

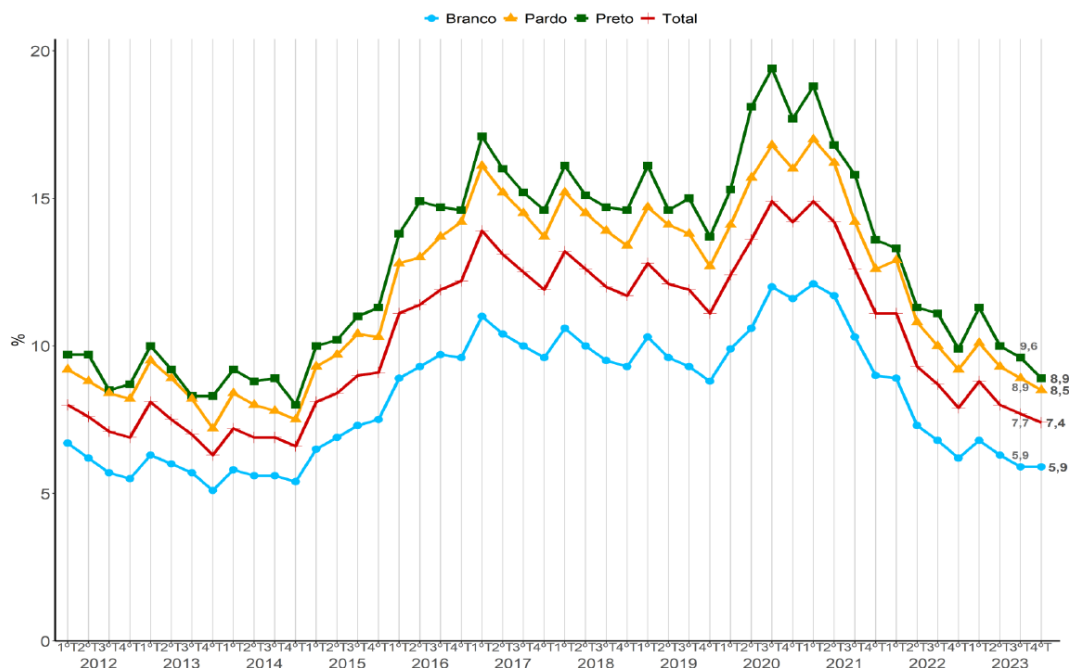


Figura 3 – Taxa (%) de Desemprego por Cor ou Raça – Brasil

Fonte: IBGE (Brasil, 2024, p. 19).

Nesse cenário, o desemprego entre os jovens e adultos da EJA/EPT é uma grande preocupação, haja vista que a qualificação profissional vem acender a esperança de independência financeira e emancipação nesse público, ainda que não se mostre como uma solução para o problema e possa representar outra frustração na vida desses sujeitos. Silva, Pelissari e Steimbach (2013, p. 407) afirmam que:

[...] a crise da sociedade assalariada, construída no âmago dessas mudanças no mundo do trabalho – e principalmente da imposição do desemprego como categoria de natureza estrutural e permanente para grandes contingentes populacionais –, cria as condições para que a autonomia do adulto por meio da independência financeira possa não se realizar.

Entre as possíveis causas para a ocorrência do desemprego estrutural, destaca-se a globalização e o desenvolvimento tecnológico, que ocasionaram e continuam provocando mudanças profundas na vida dos indivíduos, tanto no âmbito das relações sociais, como no mundo do trabalho. Essas inflexões no mundo do trabalho, resultantes da tecnologia, também são percebidas por Silva, Pelissari e Steimbach (2013, p. 407):

As mudanças ocorridas nos processos de produção e de trabalho com a aplicação de novas tecnologias e o aparecimento das novas formas de gestão geraram significativas metamorfoses na vida social, fazendo com que a inserção no mercado de trabalho e a própria qualidade do processo laboral passassem a ser bastante diferentes do que era verificado até então.

As inovações tecnológicas propiciaram o surgimento de novos setores de produção, novas maneiras de fornecimento de mercadorias, novos serviços financeiros etc., que



tornam premente a necessidade de os indivíduos se adaptarem e desenvolverem habilidades comportamentais e cognitivas modernas e desejáveis, que vão além do ensino formal. Com o tempo, esse papel de construção de competências passa a ser delegado à escola, que acaba subordinada às exigências do mercado. Silva, Pelissari e Steimbach (2013, p. 407) esclarecem que:

Nesse intenso movimento de reestruturação, emergem também novas exigências laborais e reforça-se a ideologia segundo a qual cabe ao indivíduo, e não à estrutura econômico-social, ser empregável, rompendo com a ideia de qualificação como um atributo construído social e historicamente. Nesse contexto, por meio de orientações presentes nas políticas curriculares, os processos de educação formal passam a receber a tarefa de desenvolver nos sujeitos as novas competências requeridas, representando uma convergência entre educação e emprego e uma adaptação da escola à sociedade, mesmo que esta se organize de forma excludente e discriminatória (SILVA, 2008).

Desta forma, entendemos que a qualificação profissional oferecida pela EJA/EPT, embora carregada de expectativas quanto à emancipação e independência financeira dos indivíduos, está inserida em um cenário de profundas transformações estruturais no mundo do trabalho, marcado pela instabilidade e pelo desemprego estrutural. As demandas por novas competências e habilidades, muitas vezes delegadas à escola, reforçam uma lógica que transfere ao indivíduo a responsabilidade de sua empregabilidade, desconsiderando as limitações impostas pelas estruturas econômico-sociais excludentes. Essa relação tensa entre educação e mercado, como alertam Silva, Pelissari e Steimbach (2013), traduz-se em uma adequação da escola às dinâmicas sociais e laborais contemporâneas, o que, por um lado, busca preparar os sujeitos para o mercado, mas, por outro, pode aprofundar as desigualdades e frustrações no percurso de sua autonomia.

### **3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A complexidade inerente ao trinômio "juventudes, qualificação profissional e mundo do trabalho" evidencia que os desafios enfrentados por jovens e adultos da EJA/EPT não se limitam à busca por escolarização e qualificação, mas estão profundamente atrelados às condições estruturais de uma sociedade marcada por desigualdades. O desemprego estrutural, potencializado pela globalização, pela tecnologia e por políticas excludentes, revela que o mercado de trabalho atual não absorve adequadamente nem mesmo aqueles que possuem qualificações profissionais. Assim, fica o indício de que a educação, embora essencial, não opera isoladamente como instrumento de mobilidade social ou de emancipação financeira.

Os dados apresentados, neste artigo, reforçam que as desigualdades socioeconômicas e étnico-raciais, historicamente enraizadas, continuam sendo barreiras significativas para a inserção no mundo do trabalho. Jovens e adultos pretos e pardos enfrentam taxas de desemprego mais elevadas, refletindo as dificuldades de grupos que, além de carregarem o peso das vulnerabilidades econômicas, ainda lidam com os efeitos de discriminações estruturais. Nesse contexto, a "crise dos diplomas", marcada pela

desvalorização da formação educacional, não apenas frustra expectativas, mas também expõe as limitações de uma lógica educacional voltada quase exclusivamente às demandas do mercado.

Diante disso, é necessário repensar as políticas educacionais e laborais, promovendo uma educação que não apenas prepare para o mercado, mas que também contribua para a formação crítica e cidadã, capaz de ampliar horizontes e fortalecer os sujeitos na luta por direitos. A questão central que permanece é: como transformar a realidade para que jovens e adultos da EJA/EPT possam efetivamente encontrar "um lugar ao sol"? Essa resposta requer esforços coletivos que ultrapassem a escola, envolvendo ações integradas entre educação, economia e políticas públicas que priorizem a inclusão e a equidade.

## REFERÊNCIAS

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. La construcción social de las juventudes. **Revista Última Década**, Universidad de Chile, v. 11, n. 19, p. 105-123, nov. 2003. Disponível em: <<https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/56547>> Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**: Indicadores mensais produzidos com informações do 4º trimestre de 2023. Rio de Janeiro, Fev./2024.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação Sociedade**. São Paulo, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128 Out./2007. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJfSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 set. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 24, p. 40-52 Set./Out./Nov./Dez./2003. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 3. ed., p. 13-30, 2008.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5-6, p. 15-24, 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a03.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SALES, Celecina Veras; VASCONCELOS. Maria Aurilene de Deus Moreira. Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 69-90, jan./mar. 2016. Doi <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656094>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/Y89F6GJRDjRmG7jJPTHxvVC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 ago. 2024.

SILVA, Monica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio.

**Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013.

Doi <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000022>. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ep/a/NchnDPckKPb5bfdYKGH5T8x/>> . Acesso em: 10 ago. 2024.